

## Sobre a crise histórica do capital: o debate sobre o bloqueio das forças produtivas no Programa de Transição

Valerio Arcary<sup>1</sup>

Em agudas contradições, crises, convulsões, se evidencia a crescente inadequação do desenvolvimento produtivo da sociedade às relações de produção em vigor. A violenta aniquilação do capital (nas crises), não por circunstâncias alheias a ele, mas como condição de sua auto-conservação, é a forma mais contundente de aviso para que ele desapareça e dê lugar a um estágio superior de produção social (...) Estas contradições têm como resultado cataclismos, crises, nos quais, a suspensão momentânea de trabalho e a destruição de grande parte do capital, o fazem voltar violentamente ao ponto no qual é incapaz de empregar plenamente os seus poderes produtivos sem cometer suicídio. No entanto, estas regulares e recorrentes catástrofes têm como resultado a sua repetição em uma escala maior e, por último, à derrubada violenta do Capital.<sup>2</sup>

Karl Marx

Há pelo menos meio século se abriu um debate nas organizações e círculos da esquerda da tradição trotskista sobre a vigência da letra ou do método do programa de transição. Devemos voltar a refletir sobre este tema, criticamente, quando interpretamos a sua atualidade, neste aniversário de oitenta anos de fundação da Quarta Internacional.

Qual é o sentido da reivindicação do programa de transição? Existem duas hipóteses. Há aqueles que fazem uma leitura rígida da letra do programa de transição. A defesa de dogmas condena este tipo de trotskismo a uma marginalidade política e social incontornável. E há aqueles que defendem o método do programa de transição. Mas consideramos necessária a sua atualização.

O primeiro desafio é sobre o que devemos compreender quando lemos hoje, no texto de 1938, a caracterização de que sob o capitalismo contemporâneo as forças produtivas teriam deixado de crescer, pelo menos, desde a Primeira Guerra Mundial e o triunfo da revolução russa<sup>3</sup>. Esta caracterização é o

---

<sup>1</sup> Professor Titular do IFSP.

<sup>2</sup> MARX, Karl, Grundrisse, Elementos fundamentais para la Crítica de la Economía Política, 1857/58, México, Siglo XXI, 13ª edição, volume 2, páginas 282 e 284. Tradução nossa.

<sup>3</sup> TROTSKY, Leon. O Programa de Transição. *“A premissa econômica da revolução proletária já alcançou há muito o ponto mais elevado que possa ser atingido sob o capitalismo. As forças*

fundamento “granítico” da interpretação de que o capitalismo não seria mais capaz de cumprir um papel, historicamente, progressivo.

O segundo é sobre o que devemos compreender sobre a caracterização de que a crise da humanidade pode ser reduzida, essencialmente, à crise de direção do proletariado<sup>4</sup>. As duas caracterizações são, fundamentalmente, indivisíveis. A primeira estabelece a maturidade das condições objetivas para a revolução mundial. A segunda sublinha a imaturidade das condições subjetivas, e explica por que, apesar de tantas revoluções terem acontecido, não há nenhum país em transição ao socialismo, e a ordem imperialista ainda está intacta.

O terceiro é sobre o que devemos compreender sobre a premissa de que, na nossa época, o capitalismo é incapaz de ceder reformas e, portanto, é necessário superar a oposição entre programa possibilista e maximalista. O programa de transição defende que a luta por reivindicações mínimas e democráticas pode abrir, potencialmente, uma dinâmica de mobilizações anticapitalistas transitórias<sup>5</sup>.

Estas ideias poderosas mantêm vigência? Em que sentido? Em que grau de abstração? Qual é a natureza da crise do capitalismo? A resposta à primeira pergunta é mais simples, se pensamos em termos de uma época histórica, ou seja,

---

*produtivas da humanidade deixaram de crescer. As novas invenções e os novos progressos técnicos não conduzem mais a um crescimento da riqueza material. As crises conjunturais, nas condições da crise social de todo o sistema capitalista, sobrecarregam as massas de privações e sofrimentos cada vez maiores (...). As premissas objetivas da revolução proletária não estão somente maduras: elas começam a apodrecer. Sem vitória da revolução socialista no próximo período histórico, toda a civilização humana está ameaçada de ser conduzida a uma catástrofe”.*  
<https://www.marxists.org/portugues/trotsky/1938/programa/cap01.htm#1>, consultada em 20/08/2018  
<sup>4</sup> TROTSKY, Leon. O Programa de Transição. “*Tudo depende do proletariado, ou seja, antes de mais nada, de sua vanguarda revolucionária. A crise histórica da humanidade reduz-se à crise da direção revolucionária. A economia, o Estado, a política da burguesia e suas relações internacionais estão profundamente afetadas pela crise social que caracteriza a situação pré-revolucionária da sociedade. O principal obstáculo na transformação da situação pré-revolucionária em situação revolucionária é o caráter oportunista da direção do proletariado*”.

Idem.  
<sup>5</sup> TROTSKY, Leon. O Programa de Transição. “*A social-democracia clássica, que desenvolveu sua ação numa época em que o capitalismo era progressista, dividia seu programa em duas partes independentes uma da outra: o programa mínimo, que se limitava a reformas no quadro da sociedade burguesa, e o programa máximo, que prometia para um futuro indeterminado a substituição do capitalismo pelo socialismo. Entre o Programa mínimo e o Programa máximo não havia qualquer mediação. (...) A IV Internacional não rejeita as reivindicações do velho programa mínimo, à medida que elas conservaram alguma força vital. Defende incansavelmente os direitos democráticos dos operários e suas conquistas sociais. À medida que as velhas reivindicações parciais mínimas das massas se chocam com as tendências destrutivas e degradantes do capitalismo decadente – e isto ocorre a cada passo – a IV Internacional avança um sistema de reivindicações transitórias, cujo sentido é dirigir-se, cada vez mais aberta e resolutamente, contra as próprias bases do regime burguês. O velho programa mínimo é ultrapassado pelo Programa de Transição, cuja tarefa consiste numa mobilização sistemática das massas em direção à revolução proletária”.* Idem.

considerada uma longa duração, uma temporalidade secular. Sim, estas ideias mantêm vigência, e foram confirmadas pelo laboratório da história.

Vivemos em uma época histórica de guerras e revoluções. A permanência da ordem imperialista mundial é uma ameaça à sobrevivência da humanidade. O programa marxista é a revolução socialista mundial.

Mas estas ideias não devem ser, dogmaticamente, absolutizadas. Reafirmar que a tarefa história da época é a luta pelo socialismo não é o mesmo que dizer que estaríamos em uma situação revolucionária mundial. São níveis de abstração na análise da realidade, completamente, diferentes. A percepção de uma crônica situação revolucionária mundial é uma ilusão objetivista. Ao longo desta época, os cem anos que nos separam de 1917, existiram diferentes etapas. A crise do capitalismo foi mais aguda em algumas etapas, e menos em outras.

Um prognóstico de tipo quase milenarista teve uma influência decisiva na formação da visão de mundo de boa parte dos marxistas do século XX. Várias gerações conceberam estratégias políticas que se apoiavam na perspectiva de uma crise final do capitalismo. A idéia do desastre inexorável inspirou a esperança de que a vitória do socialismo, apesar de toda as vicissitudes, seria certa. Admitia-se que o caminho das lutas dos trabalhadores seria semeado por inúmeras derrotas parciais, mas elas preparavam as condições da vitória final. O destino do capitalismo era o desmoronamento em ruína. Marx, Engels, Lenin, Rosa Luxemburgo, Trotsky, Gramsci, entre outros, sempre foram hostis a esquemas fatalistas. Mandel, sobre este tema, acrescentou:

Marx e Engels (...) apontaram que a passagem de um modo de produção para outro dependia do resultado de lutas de classes concretas, que poderiam terminar com a vitória da classe mais progressista e revolucionária ou com a destruição mútua de ambas, tanto a classe dominante como seu adversário revolucionário, e um declínio prolongado da sociedade.<sup>6</sup>

Não podiam deixar de induzir ao catastrofismo as recorrentes analogias históricas que evocavam o colapso de Roma no mundo antigo, desintegrado pelo esgotamento do sistema escravista, para sugerir qual seria o futuro do capitalismo. A perspectiva de uma calamidade econômica diminuía a especificidade do lugar da transição ao socialismo como uma passagem histórica, necessariamente, mais consciente do que a que deu lugar ao modo de capitalista de produção nos poros do feudalismo europeu.

O “vigoroso otimismo” do marxismo influenciado por Kautsky dependia menos da confiança na força social da mobilização dos trabalhadores, do que de uma percepção finalista de uma derrocada que se esperava para um futuro incerto. Simetricamente, Rosa Luxemburgo depositava suas esperanças na disposição

---

<sup>6</sup> MANDEL, Ernest. *El capital: cien años de controversias en torno a la obra de Karl Marx*. Mexico, Siglo XXI, 1985, p. 232.

revolucionária do proletariado, muito antes que o capitalismo tivesse mergulhado a civilização no abismo. O marxismo de Rosa, inimigo do fatalismo, era máximo ativismo:

Na história, o socialismo é o primeiro movimento popular que se fixa como fim (...) dar à ação social dos homens um sentido consciente, de nela introduzir um pensamento metódico e, por isso, uma vontade livre (...) A vitória do socialismo não cairá do céu como uma fatalidade, esta vitória só pode ser alcançada graças a uma longa série de enfrentamentos, entre as forças antigas e as forças novas, afrontamentos durante os quais o proletariado internacional faz a sua aprendizagem sob a direção da social-democracia e tenta encarregar-se do seu próprio destino, apossar-se do leme da vida social.<sup>7</sup>

O triunfo final não seria inevitável. Mas a precipitação da crise geral estava inscrita nas tendências mais profundas da evolução do capitalismo. Recusando explicitamente qualquer conclusão teleológica, convocava à revolução. Socialismo ou barbárie, além de um chamado à luta, apresentava-se como uma disjuntiva histórica:

Friedrich Engels disse um dia: “A sociedade burguesa enfrenta um dilema: ou passagem ao socialismo ou retorno à barbárie. Mas então que significa um retorno à barbárie do grau de civilização que conhecemos hoje na Europa? Até agora lemos essas palavras sem refletirmos, e repetimo-las sem nelas pressentirmos a terrível gravidade (...). Hoje, estamos perante esta escolha: ou o triunfo do imperialismo e a decadência de toda a civilização, com as consequências, como na antiga Roma, do despovoamento, da desolação, da degenerescência, um grande cemitério; ou então, a vitória do socialismo, isto é, da luta consciente do proletariado internacional contra o imperialismo e contra o seu método de acção: a guerra. Aí está um dilema da história do mundo, uma alternativa ainda indecisa, cujos pratos oscilam diante da decisão do proletariado consciente”.<sup>8</sup>

A III Internacional reconheceu esse prognóstico, ainda que em uma forma mais cuidadosa - o Capital é o limite do próprio Capital - como uma parte da herança marxista. A defesa de limites históricos objetivos, fixos e invariáveis do Capital se incorporou à ortodoxia revolucionária, e ficou como um legado para as gerações educadas sob a influência de Outubro. Uma grande catástrofe era prevista e aguardada, mais cedo ou mais tarde, como inexorável.

Objetivismo era a perspectiva de que o capitalismo iria, provavelmente, cair “de maduro”. Embora com inúmeras mediações, que compreendiam a centralidade dos fatores subjetivos na luta anticapitalista, ou seja, o lugar da auto-organização das massas e o papel da direção política, o marxismo revolucionário

---

<sup>7</sup> LUXEMBURGO, Rosa, *A Crise da Social-Democracia* (Juniusbrochure), Lisboa, Presença, Coleção Biblioteca de Ciências Humanas, 1974, p.22/3.

<sup>8</sup> Idem.

não escapou a uma interpretação fatalista. Na sequência da I Grande Guerra e seus dez milhões de mortos, a vaga revolucionária que triunfou no Outubro russo, foi derrotada em Berlim. A crise de 1929, no entanto, foi um terremoto destrutivo de tal magnitude, que parecia confirmar a teoria do desmoronamento do colapso, da iminência da crise final.

### **O prognóstico da “crise final” não passou na prova da história**

Depois da Segunda Guerra Mundial, no entanto, estes vaticínios foram colocados em xeque pelos trinta anos de crescimento sustentado. Algo estranho e imprevisto ocorreu. O capitalismo nos países centrais voltou a ter um desenvolvimento vigoroso. O período de disputa de hegemonia entre imperialismos rivais se encerrou. As guerras passaram a ter como cenário o mundo ao sul do Equador. As economias imperialistas passaram a ter grandes complementaridades, e a Europa e o Japão aceitaram o papel dos EUA como liderança incontestada no sistema Mundial de Estados.

Mesmo considerando-se que a reconstrução capitalista da Europa e do Japão, e a prosperidade dos EUA, não poderiam ser explicados sem a valorização do significado da derrota da revolução no Mediterrâneo, e da preservação da exploração da periferia do Sistema, havia algo de inesperado e anômalo. O crescimento econômico era vigoroso, as crises suaves, o pleno emprego uma tendência forte o bastante para absorver milhões de imigrantes, e as concessões aos trabalhadores significativas. Afinal, a contrarrevolução também aprendeu com a experiência das crises e revoluções.

Os limites históricos do capital revelaram-se mais elásticos do que o esperado. Hipóteses variadas surgiram para explicar a insólita recuperação do Sistema. Organizado, financeiro, tardio, caduco. O capitalismo nos centros imperialistas estendia o consumo de massas a amplas camadas das novas classes médias e setores mais privilegiados da aristocracia operária. A longevidade do capitalismo exigia uma explicação complexa.

A negociação em Yalta e Potsdam estabeleceu uma divisão de áreas de influência entre os EUA e a URSS e a coexistência pacífica tranquilizou o imperialismo americano. As políticas de inspiração keynesiana, entre elas o acesso alargado ao crédito em uma escala antes nunca experimentada, obtiveram inusitado sucesso em garantir crescimento com baixas pressões inflacionárias. Já os pactos sociais construídos com a colaboração da socialdemocracia e do estalinismo ofereceram um quadro de estabilidade para as democracias liberais, sobretudo no Velho Continente. O eixo da revolução mundial se deslocou durante décadas para a periferia.

A ordem econômica construída após Bretton Woods, com mecanismos de regulação estatal preventivos, não impediu, contudo, que o capitalismo continuasse a mergulhar a sociedade em crises regulares. Mas as crises passaram a ter novas formas. O cenário ficou mais claro depois de 1973/74, quando se abriu

a grande depressão do último quartel do século XX. A fase de crescimento se esgotou. Os EUA desvincularam o dólar do ouro, e o fim da convertibilidade fixa abriu a etapa das moedas que flutuam livremente. Os endividamentos públicos e privados alcançaram patamares inéditos. As pressões inflacionárias voltaram. Uma vaga de mobilização revolucionária sacudiu a região do Mediterrâneo após 68, e despertou um alarme amarelo. A juventude e o proletariado europeu apenas se “espreguiçaram”, mas fizeram tremer o mundo.

Ao final dos anos setenta, o neoliberalismo passou a ser o programa reacionário das frações dirigentes da burguesia no centro do sistema. Reagan e Thatcher chegaram ao poder para começar o desmonte das conquistas sociais dos trabalhadores nos países centrais. Essa obra ainda é perseguida com perseverança pelos governos em todo o mundo, que precisam destruir as redes de segurança social para diminuir os custos do Estado, e permitir uma rentabilidade mais alta do Capital e menos impostos.

A fase dos trinta anos do pós-guerra acabou e deu lugar a uma longa crise endêmica. A estagnação semipermanente veio para ficar. As taxas de crescimento dos ciclos caíram para a metade do que tinham sido na década de cinquenta e sessenta. Mas as crises passaram a ser, também, mais suaves, ainda que mais longas, enquanto os ciclos se encurtavam. Destruição menos abrupta, recuperações menos vigorosas, uma longa e quase ininterrupta depressão, mas sem formas catastróficas, ou sequelas explosivas. E uma introdução mais acelerada de novas tecnologias, diminuindo o tempo de vida útil das máquinas, pela substituição dos equipamentos obsoletos, reduzindo a média decenal dos ciclos. Parecia que o Capital tinha encontrado um movimento de rotação mais rápido, mas ao mesmo tempo menos intenso, para o seu metabolismo. Um estágio de crise crônica. Uma valorização de capitais sem nenhuma correspondência com a capacidade de realização de lucros no mundo material de venda de bens e serviços. Uma especulação febril com expectativas de ampliações de mercados que não poderá se verificar, em suma, uma sobreacumulação de capitais de tal dimensão, que seria inevitável a queda da taxa média de lucro.

### **O lugar da teoria da crise de direção**

A social democracia e o estalinismo foram, e permanecem sendo, ainda que mais debilitados, aparelhos burocráticos. Mas reafirmar que há uma crise de direção do proletariado não é o mesmo que dizer que, não fosse o papel das organizações reformistas, já estaria madura entre os trabalhadores uma disposição revolucionária de luta pelo poder. Isso seria uma perigosa idealização da classe operária, um excesso obreirista. A percepção de uma invariável disposição revolucionária de luta entre os trabalhadores é autoengano, uma fantasia imaginária, uma forma de pensamento mágico. Esta interpretação reduz a análise da crise de direção à vulgaridade de uma teoria da traição, portanto, uma mentalidade conspiratória.

O capitalismo não cumpre mais papel progressivo algum, não pode conceder reformas perenes, sequer no centro do sistema, quanto mais nos países da periferia. Mas reafirmar a rigidez dos limites históricos do capitalismo em sua época de declínio não é o mesmo que dizer que, em circunstâncias excepcionais, diante do perigo de situações revolucionárias, a burguesia não possa aceitar concessões emergenciais, temporárias, efêmeras, sacrificando anéis para salvar os dedos.

A crise econômica mundial de 2008 foi a mais séria desde 1929. Mas não estamos, em 2018, vivendo uma situação semelhante à dos anos trinta, só que em câmara lenta. Não estamos na iminência de uma guerra mundial, e na antessala da invasão da URSS pelo nazifascismo. O capitalismo foi restaurado à escala internacional e a URSS já não existe. Aconteceu uma derrota histórica e isso teve consequências.

A disposição de atualizar o Programa de Transição não diminui o nosso compromisso com a luta pela revolução, somente reafirma nosso engajamento com o marxismo. Essa tarefa já foi encarada, há quarenta anos, pela geração anterior de trotskistas, só que em condições favoráveis, depois da derrota do imperialismo norte-americano no Vietnã<sup>9</sup>. Nossa tarefa é mais amarga, porque a evolução da situação mundial no último quarto de século foi desfavorável. Não prevaleceram vitórias da revolução mundial, mas o contrário.

Um programa não é uma análise da situação econômica e social, embora deva estar fundamentado em uma síntese de quais são suas tendências. Não é uma obra de investigação histórica, embora deva estar baseado em uma caracterização do período histórico. Não é uma lista de palavras de ordem, embora deva fazer sínteses na forma de consignas.

Um programa é um instrumento de luta. A tarefa programática incorpora estas três tarefas, mas deve identificar na análise quais são as contradições centrais da realidade, e retirar como conclusão quais são as tarefas colocadas para os trabalhadores e seus aliados.

A caracterização principal do programa de transição é que, sob a ordem imperialista mundial, entramos em uma época de decadência histórica do sistema. Ou seja, a conclusão de que as relações sociais capitalistas se transformaram em um freio para o progresso, e uma ameaça para a civilização. Do que decorre que a tarefa dos marxistas deve ser a luta pela revolução socialista internacional. Se considerada no nível de abstração muito elevado de uma época, ou seja, em uma dimensão secular indefinida, e em escala internacional, esta caracterização permanece fundamental, e é um dos pilares do marxismo revolucionário.

Mas uma época é um longo intervalo histórico, portanto, na dimensão secular. Ao longo da mesma época devemos considerar a alternância de várias

---

<sup>9</sup> MORENO, Nahuel. Teses de Actualización del Programa de Transición. Disponível em <https://www.marxists.org/espanol/moreno/actual/index.htm>. Consulta em 20/09/2018.

etapas. As etapas estão determinadas pela relação de forças entre revolução e contrarrevolução, em escala mundial. Em cada etapa da luta de classes há uma direcionalidade, um signo, uma dinâmica. Vitórias favorecem novas vitórias. Derrotas facilitam derrotas. A revolução mundial tem a morfologia de ondas de choque, o efeito dominó. Não obstante, durante uma etapa, em cada país, embora a tendência seja a pressão do contexto internacional, podem prevalecer condições peculiares da luta de classes em cada nação. Não há sincronicidade direta.

A leitura extremada do caráter revolucionário da época, desconhecendo as variáveis tempo e espaço, as desigualdades determinadas pela história e geografia, desprezando a realidade concreta da luta de classes, e as variações das relações de força entre as classes na escala das situações, foi uma das chaves da teoria da “iminência” da revolução.

A teoria da “iminência” da revolução é uma das variações da teoria objetivista do colapso do capitalismo. O objetivismo é uma ilusão de ótica. O objetivismo é uma análise unilateral da realidade que diminui a centralidade dos fatores subjetivos na luta de classes. A dimensão subjetiva da luta de classes é aquela que remete ao nível de consciência e disposição de luta dos trabalhadores e seus aliados sociais. Estamos diante de tendências históricas, e não diante de prognósticos catastrofistas. Qualquer outra conclusão é fatalismo determinista, ou uma forma de milenarismo socialista. Lenin tinha alertado contra este perigo quando escreveu o *Imperialismo, fase superior do capitalismo*.<sup>10</sup>

Esta caracterização se apóia em uma teoria da história formulada por Marx. As forças motrizes do processo histórico seriam, essencialmente, duas tendências que se desenvolvem simultânea e, inseparavelmente, mas com uma força de pressão que se alterna em função da natureza da época: a tendência ao crescimento das forças produtivas, e a luta de classes, operam como os seus fatores de impulso. Em poucas palavras: luta da humanidade pela produção da riqueza social, de acordo com suas necessidades, e luta entre os homens pela apropriação do sobreproduto social, determinada pela escassez.

Mas, a intensidade da necessidade histórica, que se manifesta através dessas duas tendências, varia, oscila, flutua, e se alterna. Marx não identificou uma tendência intrínseca indefinida ao desenvolvimento das forças produtivas. Existe uma tendência e contratendências. As relações sociais podem favorecer ou obstaculizar este desenvolvimento. Variadas forças de bloqueio teriam se manifestado na história. Logo, períodos de estagnação até, relativamente, longos não seriam uma exceção.

---

<sup>10</sup> “O imperialismo reforça e aumenta as diferenças e desigualdades de desenvolvimento econômico entre os países, mas «seria um erro acreditar que esta tendência à decadência exclua o crescimento rápido do capitalismo», que agrava as desigualdades entre os países”. LENIN, Vladimir Ilitch. O Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1916/imperialismo/>. Consulta em 20/09/2018

Por outro lado, a principalidade da luta de classes seria, também, variável. E só se manifestaria, em sua máxima intensidade, em épocas revolucionárias. Podemos, portanto, considerar, de acordo com a natureza das épocas, inversões de primazia entre a operação das forças motrizes. Tão ou mais importante essas duas forças de pressão da necessidade histórica desenvolvem contradições entre si, porque atuam reciprocamente uma sobre a outra. E se neutralizam, também, uma à outra, como obstáculos mútuos.

A primeira questão que devemos problematizar, portanto, oitenta anos depois de 1938, é identificar qual era o nível de abstração em que este postulado sob o bloqueio das forças produtivas, ou sobre a maturidade das condições objetivas foi elaborado. Na dimensão histórica de época, que admite a longa duração, ou, indistintamente, das etapas políticas, das situações concretas ou das conjunturas breves? As leis históricas para marxistas operam como tendências. Nem menos, nem mais do que tendências, ou forças de pressão.

Estas tendências abrem o caminho no terreno da luta de classes. A luta de classes é um processo em aberto, portanto, incerto. Porque a premissa de que as forças produtivas sob a ordem imperialista, tendencialmente, não podem crescer como cresciam no XIX, quando o capitalismo impulsionava a revolução industrial, não desautoriza considerar que as relações sociais capitalistas podem ser, dependendo da situação concreta e da do destino de cada nação, um obstáculo absoluto ou relativo.

Quando Leon Trotsky retomou este conceito da III Internacional na fundação da Quarta não estava senão recuperando do esquecimento uma localização estratégica. O que significa concluir que, quando a revolução mundial avança, os limites históricos do capitalismo se estreitam, mas, também, o inverso. Quando a contrarrevolução avança, o capitalismo alonga seus prazos de sobrevivência. Porque a caracterização de que estamos em uma época de declínio histórico do capitalismo não descarta a possibilidade de que operam contratendências em escalas de tempo mais breves. E não invalida que na escala das etapas, situações e conjunturas ocorram inversões transitórias em que estas contratendências prevaleçam.

Em conclusão: a defesa rígida de que as forças produtivas não cresceram, nos últimos oitenta anos, é dogmática porque não tem sustentação histórica. O argumento contrário mais poderoso, mas, também, mais inconclusivo, defende que as forças produtivas devem ser compreendidas como um sistema de relações que a humanidade estabelece com a natureza através do trabalho com ferramentas, que se objetivam em tecnologia, de acordo com o estágio de desenvolvimento da ciência.

Na sua formulação mais lúcida a régua que deve medir este proceso deve ter quatro critérios: (a) o grau de melhoria ou deterioração das condições de vida da humanidade, uma variável que nos remete à elevação ou estagnação dos níveis de produtividade do trabalho; (b) a expansão do papel de parasitismo dos capitais

fictícios com a financeirização; (c) o crescimento das forças destrutivas (expansão da indústria militar); e (d) as ameaças à sobrevivência da civilização pela gravidade emergencial da crise climática com o aquecimento global. Os quatro critérios são corretos. O problema não é a régua. O problema é o exercício histórico de balanço.

A tese do bloqueio absoluto tem como consequência a visão da época do imperialismo, portanto, da decadência como uma longa e ininterrupta estagnação que já teria cem anos, o que não é somente dogmático, é insensato. Se compararmos o mundo de hoje com o de cem anos atrás esta tese é absurda. Não é necessário um modelo teórico com variáveis muito complexas para aferir que ocorreu, nesse intervalo, um desenvolvimento das forças produtivas.

Sobra, finalmente, o argumento circular de que a vitória da revolução russa em 1917 seria a demonstração inequívoca de que o capitalismo teria atingido seus limites históricos. O argumento é circular, à maneira de um cachorro que corre atrás de sua própria cauda para mordê-la, porque sustenta que a revolução de outubro prova que o capitalismo esgotou sua capacidade de cumprir um papel progressivo. Ou, formulado de trás para a frente, à maneira das demonstrações escolásticas, a crise do capitalismo se revela terminal porque a revolução russa triunfou.

Essa conclusão ignora as sequelas do que foi o estalinismo como bloqueio da transição ao socialismo, e o impacto da restauração capitalista, ou seja, das derrotas da revolução mundial. A produtividade do trabalho nos últimos cem anos se multiplicou várias vezes. As taxas médias de crescimento das economias capitalistas foram, em escala mundial, no centro e na periferia, superiores às taxas médias de crescimento da Inglaterra, Estados Unidos, Alemanha ou França durante o século XIX. Desconhece os avanços da ciência e tecnologia, da produtividade do trabalho, do aumento da expectativa de vida, da redução do analfabetismo, etc.

Admitir o caráter relativo, portanto, não absoluto, do bloqueio que o capitalismo representa não questiona a estratégia revolucionária. Ao contrário, eleva a nossa determinação de caminhar de olhos bem abertos. A angústia é uma prerrogativa da lucidez. Toda atualização programática nos protege de nós mesmos.

Artigo recebido em 31.3.2018

Aprovado em 17.5.2018